



## COMPREENSÃO LEITORA: VIVÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA POR MEIO DE PRÁTICAS SIGNIFICATIVAS

### Reading comprehension: reading and writing experiences through meaningful practices

Deborah de Souza Barboza<sup>1</sup>  
Jediã Ferreira Lima<sup>2</sup>  
Alberto Noronha Ramos<sup>3</sup>

#### Resumo

Esta obra é resultado da aplicação de um projeto de aprendizagem na qual foi possível trabalharmos o conteúdo central de maneira transdisciplinar, sem deixar de lado as demandas de alfabetização. O projeto passou por três grandes etapas que foram palco para muitas reflexões acerca da escrita e do meio ambiente, posto que o projeto se dedicou a estudar sobre a vida das aranhas. Com a ajuda de pessoas dedicadas a tal estudos, nós nos munimos de informações científicas e as sistematizamos em mediações intencionais colocando o aluno como centro no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Leitura e Escrita; Projeto de Aprendizagem; Docência.

#### Abstract

This work is the result of the application of a learning project in which it was possible to work on the central content in a transdisciplinary way, without leaving aside the demands of literacy. The project went through three major stages that were the stage for many reflections on writing and the environment, as the project was dedicated to studying the lives of spiders. With the help of people dedicated to such studies, we provide ourselves with scientific information and systematize it into intentional mediations, placing the student at the center of the teaching-learning process.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Amazonas – UFAM – e professora da Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Especialista em Neuropsicopedagogia. E-mail: [deborah.barboza@semed.manaus.am.gov.br](mailto:deborah.barboza@semed.manaus.am.gov.br)

<sup>2</sup> Mestrado em Educação; Professora e Pesquisadora do LEPETE/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED. E-mail: [jedylima@hotmail.com](mailto:jedylima@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor Orientador; Pedagogo e Formador da Secretaria Municipal de Educação-Manaus SEMED/DDPM/OFS; Professor Pesquisador do LEPETE-UEA/CNPq; E-mail: [alberto.ramos@semed.manaus.am.gov.br](mailto:alberto.ramos@semed.manaus.am.gov.br)



**Keywords:** Reading and writing; Learning Project; Teaching.

## Introdução

O trabalho a seguir apresenta um relato de experiência do desenvolvimento de um projeto de aprendizagem que viabilizou a leitura e escrita em contexto letrado por meio de momentos transversais, planejados e sistematizados, o qual foi evidenciado na sequência didática atestada no referido projeto.

Ele foi desenvolvido na turma de 2º ano do ensino fundamental, anos iniciais, que ostentava diversidade em vários aspectos – metade da turma era de origem venezuelana e, portanto, com a especificidade de uma língua materna diferente do português –, ora tínhamos alunos com habilidades apropriadas para o ano e até superando-as, ora havia alunos que ainda não haviam desenvolvido sequer uma linguagem oral clara e compreensiva.

Outra grande característica da turma era a discrepância entre os níveis de leitura e escrita, o que exigia muito planejamento individual e coletivo para atendermos às mais diversas carências, no que tange à leitura e escrita.

Na pretensão de fazer as crianças avançarem em suas hipóteses de leitura e escrita, o projeto vislumbrou ações de mediação que envolveram a consciência de rimas e sílabas, aspecto primordial para a apropriação do sistema alfabético de escrita, e ainda revelaram eventos que abrangeram a compreensão textual, a partir da exploração de uma literatura infantil previamente selecionada.

A exploração da leitura dessa literatura desencadeou em um ponto de interesse coletivo que foi contemplado na sequência didática, tendo sempre como ponto de partida a abundância de gêneros textuais e estratégias de sistematização dos textos que foram relacionados ao tema central de pesquisa.

Nesse sentido, esta narrativa é estruturada em quatro seções, a seguir: O Cotidiano escolar como construção de saber; A alfabetização: A consciência



fonológica na formação da compreensão textual; Os caminhos do projeto de aprendizagem e Resultados. Ao longo da explanação, objetivamos pautar práticas de leitura e escrita dentro de um contexto letrado por meio de uma sequência didática pedagógica delineada em um projeto de aprendizagem.

É importante salientarmos que o relato da execução do projeto de aprendizagem foi um processo extremamente reflexivo desde a sua concepção, e, com base nessas ponderações, provocamos as seguintes problemáticas: Como desenvolver, em crianças de 2º ano, uma compreensão leitora para além de perguntas explícitas no texto? Como a consciência fonológica ajuda no processo de reconhecimento do texto? Como a construção de significados auxilia na superação do desafio da língua materna?

Ao longo deste escrito, será possível percebermos as relações e intervenções de compreensão de leitura e escrita sendo aplicadas concomitantemente com a aprendizagem do sistema de escrita alfabética, considerando sempre os alunos protagonistas do seu processo de aprendizagem.

Para provocarmos a práxis, dialogaremos com a autora Candau que nos fará aprofundar nos conceitos de Identidade, Cultura Escolar e Complexidade da Transversalidade. Para darmos conta do respaldo da alfabetização e letramento, contaremos com as alusões de Magda Soares, que desvendará a alfabetização e letramento como processos conexos, além disso, ela trata a consciência fonológica como aspecto necessário para o processo de construção da leitura e escrita e, por fim, com Rovena Lopes, perceberemos a relevância da Pedagogia de Projetos para uma prática docente efetiva e complexa.

### **O Cotidiano escolar como construção do saber**

Muitas são as relações que estabelecemos na prática pedagógica e passamos anos de nossas vidas dentro de uma escola aprendendo números, letras, fórmulas,



conceitos, mas nenhum desses conceitos ou conteúdos dá conta de criar aproximação ou lógica nas relações sociais entre os indivíduos. O que nos conecta uns aos outros são as nossas vivências, nossas histórias, nossa cultura, nosso sotaque, nossas paixões, nossas canções, nossas emoções e não há como concebemos uma escola sem considerarmos essas conexões do cotidiano, caso contrário, a escola deixa de cumprir sua função social para cumprir papel meramente oficial.

Dessa forma, o cotidiano escolar se apresenta desafiador e complexo para o professor, pois nessa perspectiva a tarefa de ensinar deve caminhar por duas facetas, a faceta do currículo prescrito e a faceta histórico-cultural. A sala de aula é um universo de projeções subjetivas que estão diretamente relacionadas ao ponto de vista em que cada estudante exibe a sua singularidade. As diferenças são, então, concebidas como realidades sócio-históricas em um processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder (Candau, 2011).

A escola deve ser um lugar de reflexão, aceitação e pertencimento, e esse sentimento só se conquista por meio da construção de identidade dos sujeitos. Portanto, a escola é um lugar que exige posturas formativas que se concretizam no que denominamos de educação, e essa educação não é estática e imparcial, pois colocar os estudantes como protagonistas do processo de aprendizagem é dar a eles a possibilidade de reconhecimento das suas habilidades.

Diante do exposto, podemos afirmar que a educação é feita de emoções e mutações por meio da nossa leitura de mundo. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 79).

### **Alfabetização: consciência fonológica na formação da compreensão textual**



Trataremos da alfabetização como um processo multifacetado e que não ocorre do dia para a noite e nem em um único ano escolar; as crianças estão mergulhadas em uma grande variedade de informações veiculadas pelas tecnologias da informação e comunicação e a sala de aula necessita se revelar às crianças de maneira interessante para tirar proveito em favor da aprendizagem.

É importante deixar claro que não existe letramento sem letras. Elas estão por toda a parte, nos cartazes, nas placas, nas embalagens dos produtos, nos nomes dos colegas, nos livros com os quais as crianças interagem, nas escritas da professora e de seus pais. Portanto, é possível sim, oportunizar aos pequenos, práticas de sala de aula em que as crianças possam ler e escrever com significado, mesmo antes de dominarem o sistema de escrita convencional (Camargo, 2015, p. 3).

Desde muito pequenas, conseguimos estimular as crianças à leitura de sistemas ou códigos, isso porque não há como negligenciarmos a função social dos números e das letras na vida delas. O ato de alfabetizar envolve muitas facetas, e o professor terá como objetivo favorecer a competência do uso do nosso sistema de escrita alfabética com a função social deste. “Alfabetização, no seu estado atual das ciências linguísticas, da Psicologia Cognitiva, da Psicologia do Desenvolvimento, é um processo complexo que envolve vários componentes, ou facetas, e demandas diferentes competências” (Soares, 2020, p. 27).

Dentre as habilidades, nós nos atentamos a uma que faz parte da metalinguística, a consciência fonológica, ponto central que permeou o desenvolvimento do projeto no quesito alfabetização. Para esclarecimento, temos a consciência fonológica como “a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre os seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas” (Soares, 2020, p. 77).

Assim, conforme Soares (2020), a consciência fonológica possui, em sua hierarquia, a consciência lexical, que pressupõe a compreensão do conceito de



palavra; a consciência silábica, que é a manipulação de padrões silábicos; e a consciência fonêmica, que consiste na percepção de que, para cada grafema, é atribuído um som, sendo essa a última habilidade a ser assimilada pelos estudantes em processo de alfabetização.

Desse modo, o estudo sistematizado e intencional por dentro das palavras leva as crianças à consciência lexical da palavra, à compreensão de sílabas que se repetem, ao tamanho das palavras e quantificação de letras das palavras, e todas essas intervenções são necessárias para levarmos a criança à superação do seu nível de escrita e à compreensão textual, uma vez que a rota lexical é a primeira rota de leitura que as crianças utilizam para perceberem as palavras em uma frase/texto.

### **Caminhos do projeto de aprendizagem**

Pautada na responsabilidade de redimensionar o meu papel para além de um currículo oficial e padronizado, lancei mão de um modelo que ressignificou minha prática docente e modificou minha sala de aula em um ambiente vivo e dinâmico. Transformou-me e aos meus pequenos em protagonistas de todo o processo de ensino e aprendizagem, e passamos a nos reconhecer como grandes cientistas, fazendo e experienciando ciência. Isso se deu por conta do trabalho com a pedagogia de projetos, a qual Rovena Lopes assim classifica:

A Pedagogia de Projetos visa a ressignificação do espaço escolar, transformando-o em um espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões, trazendo uma nova perspectiva para se entender o processo de ensino – aprendizagem (Rovena, 2022, p. 25).

Diante dessa perspectiva, a partir da necessidade de sabermos sobre a vida das aranhas, foi arquitetado um projeto de aprendizagem que envolvesse curiosidades que as crianças tinham sobre elas e para relacionarmos essas



descobertas com mediações de leitura e escrita, sem deixarmos de lado as demandas de alfabetização e letramento.

A escolha da temática surgiu a partir da leitura da literatura *O Tratado da Aranha e da Rã*, de Arlene Holanda, que faz um enredo brincando com o trava-línguas “A aranha arranha a rã ou a rã que arranha a aranha?”. Nesse dia, surgiu o interesse pelas aranhas e fizemos uma lista com curiosidades sobre estas. Com o objetivo de investigar a vida delas, o projeto cujo título era *A Aranha que Arranha*, foi implementado em quatro ações que desencadearam uma sequência didática.

A primeira ação foi “Cantando, Brincando e Encantando com Aranha”, em que me dediquei em trabalhar habilidades específicas do sistema de escrita alfabética em contexto de letramento, explorando a compreensão textual e a análise linguística. Para aguçar o estímulo visual e a imaginação hipotética das crianças, foi proposta a montagem de um cartaz com variados tipos de aranhas, e a turma pôde fazer suas observações e formular suposições sobre a vida desses aracnídeos. Aquele foi um momento admirável, pois percebi o quanto as crianças conseguiram formular seus pensamentos. Também foi um momento de ampliar o vocabulário da turma, pois observei que estavam utilizando muito os termos “feia” e “estranha” para algumas aranhas, e eu comentei que existia outra palavra que tinha aquele mesmo sentido: a palavra exótico.

Em seguida, partimos para a leitura do texto da música da dona aranha e cantamos a música pelo menos duas vezes, fazendo os gestos da dona aranha e, na terceira cantoria, imediatamente cantei e apontei palavra por palavra no texto. Depois, comecei a indagar sobre o que pensavam que eram aquelas letrinhas pretas acima da música, e em coro manifestaram-se: — “É o título!”. Expliquei que, quando nós falamos, soa tudo junto, mas, quando escrevemos, devemos utilizar espaços para separarmos as palavras. Assim, coloquei meu dedo em cada espaço do texto para que percebessem essa separação, depois pintamos no texto esses espaços.



Ainda nessa aula, falamos sobre frases e numeramos cada uma delas no texto; aprendemos sobre rimas e marcamos no texto, assim como sugeri, também, que fizéssemos uma lista de palavras que rimavam com aquelas em destaque. Notei as crianças empolgadas e envolvidas com a proposta e, para sistematizar todas essas mediações, levei um texto fatiado para cada criança montar sua música. Vale destacar que tais mediações foram realizadas na oficina “Linguagem Oral e Escrita”, conduzida pelo prof. Carlos Freitas.

Na aula seguinte, examinamos a palavra aranha na sua dimensão lexical:

Outro aspecto da consciência lexical relacionada mais diretamente à compreensão do princípio alfabético e a dificuldade da criança em dirigir a atenção para a cadeia sonora da fala. Com as crianças que concebem a escrita como rabiscos, garatujas, sequência de letras, são necessárias atividades que envolvam sua capacidade de atenção para os sons da palavra, não para seu significado, particularmente por meio de atividades com **rimas** e **aliterações** (Soares, 2021, p. 80).

Desse modo, foram apresentadas as sílabas da palavra aranha em forma grande e fui mostrando e explorando a identificação de vogais e consoantes e a formação das referidas sílabas, sempre utilizando os procedimentos dos recursos fonético e fonoarticulatório. Tais intervenções são necessárias em razão de grande parte dos alunos terem o espanhol como língua materna e, ainda, ajudam aquelas crianças que não têm fala adequada para a idade.

Em seguida, empreguei o recurso da palavra geradora e fui explorando, na lousa, os padrões silábicos do R (forte e fraco) e do NH. Enfatizei que as consoantes são muito tristes sozinhas e formaram família com as vogais, por isso cada consoante tem cinco membros que constituem suas famílias. Sempre faço essa ressalva para dar apoio às crianças na consolidação das vogais, já que aquelas são mais perceptíveis às palavras e isso ajuda no registro destas.

Posteriormente, partimos para as rimas das palavras, e sempre proponho que seja feito o eco das palavras para identificarmos a rima de uma palavra, pois, ao



contrário do que pensam, a rima não acontece na repetição da última sílaba, mas a partir da última vogal tônica.

Ao fazermos o eco da palavra aranha, foi perceptível que o que se repete é a parte ANHA, ANHA, ANHA, assim, definimos quais outras palavras poderiam rimar com a aranha. Pedi sugestão de palavras que terminavam com o som ANHA e surgiram montanha, estranha e outras.

Logo, apresentei três imagens – castanha, piranha e ariranha. Indaguei se sabiam o que eram e as crianças disseram que eram coisas que rimavam com aranha, expliquei os nomes e o significado de cada um. No quadro, fiz a exploração das palavras e destaquei as rimas.

Em outro momento, retomei com a palavra aranha na lousa e relembramos tudo o que já havíamos aprendido sobre as palavras que rimavam. Apresentei um cartaz com um banco de palavras contendo PIRANHA, CASTANHA E ARIRANHA, e questionei o porquê de aquelas palavras estarem ali, e facilmente eles apontaram as rimas. Esse banco serviu para a consulta da atividade seguinte.

Em continuação, dei uma folha estruturada para ser realizada a atividade. Nela, as crianças poderiam fazer o registro das sílabas da palavra aranha, percebendo as sílabas inicial, medial e final daquela. Identificamos que havia uma sílaba intrusa e aproveitei para apreciarmos o padrão silábico dela.

Com o suporte do banco de palavras, as crianças teriam de reconhecer as palavras que se encontravam na folha e ainda as registravam colocando cada letra em um quadrinho, o que as fez perceberem a quantidade de letras e o tamanho das palavras, auxiliando-as na superação do realismo nominal.

[...] o **realismo nominal**- a suposição, em que crianças pequenas, de que a palavra que designa um ser, coisa ou objeto é proporcional a seu tamanho; nomes grandes designam coisas grandes, nomes pequenos designam coisas pequenas (Soares, 2021, p. 79).



Posteriormente, apresentei outro trava-línguas para a turma, em que foi possível trabalhar a compreensão textual por meio de folha estruturada e também estudarmos o padrão silábico da letra T; esse foi um momento de descontração e diversão, pois brincamos com o trava-línguas, sendo o ato conclusivo da nossa primeira ação.

A segunda ação foi intitulada “Desvendando o Mundo das Aranhas”, esta etapa destinou-se aos estudos específicos e científicos sobre as aranhas, com a ajuda de um biólogo pesquisador sobre as aranhas, o José Prestes. Dessa forma, desvendamos o mundo das aranhas com estudos anatômicos e a relevância delas para o ecossistema.

Promovemos, também, uma entrevista em formato de coletiva de imprensa a que denominamos de “Eu quero saber”, e nela o convidado teria de elucidar nossas perguntas contidas na lista de curiosidades sobre as aranhas, criada na origem do projeto. Ao final, pudemos admirar uma exposição com o acervo de diversas aranhas; foi um momento muito rico, de novos conhecimentos e empolgação, não só para os estudantes, mas também para os professores que ali se encontravam.

A estruturação deste estudo foi realizada por meio de um cartaz com um texto esquemático com seleção de imagens adequadas e tópicos que passaram referências sobre as aranhas, caracterizando-as em um texto organograma. A conclusão desse ato foi concretizada com o trabalho de montagem de aranhas com garrafas pets, e, na ocasião, estudamos sobre o gênero instrucional, sendo que foi um dia muito produtivo e de muita concentração, em virtude da proposta em trabalharmos habilidades motoras e percepção de materiais.

Nossa última ação foi assumida como “Atuando com as Aranhas”; nesse momento foram realizados o planejamento e a construção de roteiro de apresentação e dramatização para a Mostra de Aprendizagens Transdisciplinares (MAT). Reservamos um momento de retrospectiva de todo o caminho do nosso projeto e



avaliamos quantas informações novas tínhamos aprendido com o estudo desses aracnídeos.

Sugeri às crianças fazermos uma peça teatral com o que tínhamos aprendido, fiz um roteiro do enredo pré-definido e deixei o final em aberto para que elas pudessem dar suas contribuições. A culminância desse projeto se deu com a Mostra de Aprendizagens Transdisciplinares (MAT), que foi uma grande feira científica aberta ao público, em que expusemos todos os trabalhos realizados nesse período e algumas crianças explicaram cada etapa acima mencionada.

### **Considerações finais**

Minha caminhada como professora sempre foi de muita dedicação e aspiração pela formação de minha identidade docente. Para tanto, estou sempre aberta aos estudos científicos os quais sempre me dão base e segurança para seguir determinados caminhos.

Nesse sentido, devo afirmar e valorizar a contribuição que os estudos e oficinas da pós-graduação possibilitaram à minha formação. A proposta de trabalhar com pedagogia de projetos era algo conhecido somente de ouvir falar, mas, na pós de Gestão de Gestão de Projetos e Formação Docente, foi possível fazer ponderações sobre minha prática pedagógica e colocar em prática o projeto de aprendizagem, práxis esta que agora faz parte da minha rotina de trabalho.

O resultado disso é de muito envolvimento afetivo e cooperativo. A ideia de que o conhecimento é compartilhado por todos em sala de aula traz uma sensação de pertencimento, sendo impulsionador de novas estruturas de saberes, permeadas de muitos estímulos externos, formando crianças com diversas conexões sinápticas.

Os resultados após o desenvolvimento do projeto de aprendizagem superaram minhas expectativas. Enquanto, inicialmente estava preocupada com os problemas dos processos da alfabetização, a cada planejamento ia percebendo uma visão mais



ampla da aprendizagem, estabelecendo estratégia com base na transdisciplinaridade e transformando minha sala de aula em um lugar mais agradável e muito mais científico.

Atualmente, meus alunos avançaram em suas hipóteses de escrita, estão fazendo relevantes considerações sobre os textos, e suas compreensões vão além da identificação de elementos explícitos neles. Eles mudaram suas posturas, estão mais maduros e mais atuantes em cada atividade que proponho em sala de aula.

Diante do exposto, o que me resta é continuar a jornada com esse compromisso e afinco político pedagógico de levar sempre, para os cotidianos da sala de aula, criações curriculares que tenham qualidade e significado para a vida dos meus alunos.

### Referências

CAMARGO, R. M. P.; SOLEDADE, J. A.; ANDRADE, T. S. S. O Letramento com letras na educação infantil lendo e escrevendo com significados. *In: II Congresso Brasileiro de Alfabetização: Políticas Públicas de Alfabetização*. Recife: Editora UFPE, 2015.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011. Disponível em: [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org). Acesso em: 11 set. 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOARES, M. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Poços de Caldas, n. 25, out. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>. Acesso em: 11 set. 2022.